

Um Jardim de Romãs – Parte Final

A Escada

Consideramos cuidadosamente a Árvore da Vida como um alfabeto filosófico. Agora se faz necessário contemplá-la com uma visão totalmente nova.

Nas diferentes partes desta estrutura encontramos previamente uma qualidade que se corresponde com uma qualidade similar inata no homem, que deve ser desvelada, desenvolvida e aperfeiçoada.

Este processo de abertura se chama, graficamente, “subir na árvore”.

Em um capítulo anterior dizíamos brevemente que os métodos da cabala eram dois: Meditação e Magia.

É necessário clarear agora esta ideia.

Já que foi dito que o Ruach, por causa de suas próprias limitações, não pode nos ajudar na Busca da Verdade, e já que a Fé, como se entende ordinariamente, é ainda mais inútil, é de desejar um método novo de investigação filosófica.

De fato, é desejável não somente um novo método, mas uma linha totalmente nova na qual se deve dirigir a investigação.

No positivismo os homens negaram uma região transcendental de consciência quase por completo porque, não admitindo mais possibilidades de relações do que aquelas formuladas pela lógica, negavam a mesma existência das coisas que pareciam ser ilógicas do ponto de vista das ditas fórmulas.

O “espiritualismo” moderno, por exemplo, tentou construir um mundo numenal sobre o modelo do mundo dos fenômenos; porém queria demonstrar a todo custo que o “outro mundo” é lógico no nosso ponto de vista; que as mesmas leis operavam ali da mesma forma que o fazem aqui, e que o “outro mundo” não é nada mais e nem nada menos do que uma cópia e ampliação do nosso.

Em suma, trata-se de uma formulação crua e bárbara do desconhecido.

A filosofia positivista se deu conta do absurdo destas teses dualistas, porém ao não ter poder para ampliar ou estender o campo de sua atividade, limitada pela lógica, não pôde fazer nada melhor do que negar.

Apenas a Filosofia Mística sentiu a possibilidade de outras relações distintas daquelas do mundo dos fenômenos, e formulou uma lógica aplicável à consciência sobrenatural e transcendental.

Porém foi detida em seu progresso por ideias confusas e vagas de investigações organizadas e céticas, sendo-lhe impossível definir e classificar seu material de forma científica.

Isto poderia se corrigir e instituir um sistema totalmente cético usando a Árvore Cabalística como meio de classificação.

A ciência deve chegar à cabala porque apenas ela fornece um método coerente e uma nova direção para a investigação.

Os métodos místicos e mágicos nos abrem não somente um novo tipo de experiência — acompanhada por fenômenos psicológicos realmente dignos de investigação científica — mas, o que é mais importante e válido, ampliam o conhecimento adicionado de uma região transcendental da consciência.

Em seu *Tertium Organum*, P. D. Ouspensky escreve:

Todo conjunto de ensinamentos de movimentos religiosos-filosóficos têm como propósito reconhecido ou oculto "a expansão da consciência". Este também é o objetivo do "misticismo" de todas as épocas e de todas as doutrinas, o objetivo do ocultismo e da ioga oriental.

Os métodos da cabala — já que apenas ela entre todas as demais parece possuir a única base adequada para a síntese — particularmente amplia a nossa visão do universo mediante uma experiência chamada de formas muitas diversas, religiosa, mística ou superracional.

E por esta se entende uma experiência, melhor dizendo, uma intuição imediata, uma perspicácia espontânea sobre o significado, a natureza e o valor do universo, dando uma visão beatífica de como se correspondem todas as coisas, uma pista para chegar à natureza da Realidade Última.

Lidamos aqui com um fato essencial no conhecimento místico; a substituição das atividades ordinárias da consciência racional por uma intuição direta, onde o Neschamah contempla *diretamente* as ideias.

E a experiência, secular ou mística, deve ser sempre a *ultima thule*, além da qual ninguém se atreve a negá-la.

Estabelecendo a Experiência Mística como a fonte de inspiração e de conhecimento, apenas recorreremos ao princípio científico verdadeiro, pois, como Julian Huxley expressou em *O que me atrevo a pensar?*: "a característica mais importante do método científico é sua constante referência à experiência da busca pelo conhecimento".

O primeiro destes métodos é a Meditação.

Os judeus estiveram durante muito tempo em contato com diversos métodos técnicos de meditação.

Suas escrituras brilham com muitos exemplos sublimes de homens cujas experiências, resultados indiscutíveis de meditações, foram convicções de indubitável contato com a Realidade; experiências além do mais leve reparo.

Por alguma razão a visão de Jeová por Moisés, a grande linha de Profetas — a visão de Deus por parte de Isaías cujo séquito encheu o universo, o êxtase de Ezequiel, elevando por cima de seus pés pelo Espírito e levado de um lugar a outro, a inspiração de Baal Shem Tov e a fundação do movimento hassídico; o próprio fato da profecia em si —, todos estes permanecem como um testemunho vivo e essencial para esta afirmação.

Também no *Talmude* existem pistas obscuras da existência de uma tradição desenvolvida do "Mercavah", ou o Carro Divino contemplado por Ezequiel.

Uma vez que o mundo é um processo de emanação, um surgir da Realidade em sua *alteridade* (para usar uma expressão hegeliana) deve haver uma ascensão correspondente do homem através de seu "carro" — o veículo ou meio pelo qual poderia ser conduzido aos reinos ocultos.

E o *Zohar* fala do "beijo divino", com o qual o homem se une a sua Raiz.

É explicado extensamente nos Cânticos: "*Beija-me com os beijos de sua boca*", fazendo referência à união das letras do Tetragrammaton.

Devo citar, além disso, o seguinte:

Na parte mais misteriosa e elevada do céu há um palácio chamado o Palácio do Amor, onde se escondem profundos mistérios, e os Beijos de Amor do Rei estão ali...

Ali o Espírito Santo, para sempre louvado, reúne-se com a Alma Santa (Neschamah).

Avança e imediatamente a beija e a acaricia...

Como acostumava fazer o pai com sua filha amada, beijá-la, abraça-la e dar-lhe seus regalos, assim o Espírito Santo, para sempre louvado, faz com a Alma pura diariamente (II, 97a).

(A fim de evitar impressões equivocadas devemos prevenir o leitor, quando examinar os textos cabalísticos, contra arcaísmo e formas eróticas de expressão. Com a capacidade de raciocinar mais amplamente não terá nenhuma dificuldade para ler as formas convencionais das escrituras e conseguir uma boa compreensão.)

Neste ponto vamos nos referir à Meditação em sua forma hindu, a Ioga, visto que este sistema tem sido cuidadosamente detalhado; e considerarmos a Meditação como uma fórmula geral, deixando suas divisões particulares para discutir quando falarmos dos graus atribuídos as dez sephiroth.

Patanjali, na primeira frase de seus *Aforismos*, define a meditação como "o impedir as modificações do princípio pensante".

É surpreendente que uma afirmação tão simples tenha sido mal interpretada durante séculos e tenha sido obscurecida pela doutrina religiosa e o sentimento ético.

A Ética não tem nada a dizer a respeito desta questão a mais do que o seguinte: que o praticante, enquanto está treinando, deve viver de tal forma que nem a emoção e nem a paixão perturbem o Ruach que se esforça em controlar.

O Ruach, o princípio cujas modificações de pensamento vão controlar-se, permitindo o Neschamah passar pela tranquilidade assim produzida, não é, como já temos observado, o poder supremo do homem.

É apenas uma função particular, um instrumento da Yechidah com o qual pensa, trabalha e experimenta.

Como Blavatsky escreveu em *A Voz do Silêncio*: "A mente é o grande assassino do real. Deixemos que o discípulo mate o assassino."

A teoria é que a mente não é mais do que um mecanismo para relacionar-se simbolicamente com as impressões, embora sua interpretação nos faça tomar estas impressões como a Realidade.

Por conseguinte, o pensamento consciente, é fundamentalmente falso e não permite perceber a realidade.

Existe apenas um simples fator fundamental para a meditação, além de todo dogma e moralidade, e é: *deixar de pensar*.

Esta explicação do passo principal que conduz à Experiência Mística é altamente significativa.

Explica a oração e seu propósito; e todas as diversas práticas sem considera-las como "simples truques", por assim dizer, para adquirir a faculdade de poder atenuar a corrente de pensamento e, em última análise, detê-la por completo *a vontade*.

Uma imagem hindu expressa esta teoria perfeitamente.

Existe um lago no qual se movem cinco glaciares — os cinco sentidos —; o lago seria a mente.

Enquanto o gelo, as múltiplas impressões, está se rompendo constantemente no lago, as águas estão inquietas.

Uma vez os glaciares se detêm, a superfície se acalma e então e, somente então, ela pode refletir ininterruptamente o disco do Filho — o Augoeides, aquele que brilha com Luz Própria.

Embora seja certo que quando o pensamento dorme está imóvel, a função perceptiva está imobilizada também; e uma vez que desejamos conseguir uma vigilância e uma atenção perfeitas, não interrompidas pelo surgimento de pensamentos, seguimos este procedimento.

Uma preliminar necessária consiste em imobilizar a consciência do corpo mediante uma prática chamada *Asana*, uma postura pela qual, quando já se tem um pouco de habilidade, nenhuma mensagem de incômodo corporal é enviada ao cérebro.

Observou-se que a respiração das pessoas em êxtase sofre um transtorno de forma destacada e curiosa; por alguma razão o processo se torna muito lento e rítmico.

A ioga, em sua forma científica, inverteu o processo e seus devotos tentaram reproduzir certos aspectos dos estados místicos, através de respiração lenta, profunda e enérgica.

Pode-se confirmar esta teoria nos escritos de Santo Inácio de Loyola.

Com este exercício consegue-se impedir que alguns pensamentos sejam totalmente impedidos de forçar a sua entrada na consciência, e aqueles que chegam à mente o fazem, desta forma, mais lentamente, dando tempo suficiente ao praticante para perceber sua falsidade e, em consequência, destruí-los.

Em suma, há indubitavelmente uma conexão real entre a quantidade proporcional de respiração e a condição do cérebro ou o estado da mente, como demonstra a experimentação.

As emoções são, então, imobilizadas para evitar que apareçam e excitem à mente que estamos tentando manter tranquila.

No *Pratyahara* analisamos a mente com mais profundidade.

É um tipo de exame geral dos conteúdos da mente, e se diz que na introspecção pratyahárica se percebem diretamente os argumentos subjacentes no idealismo berkeliano.

Desta forma, começamos a controlar e restringir o pensamento, seja do tipo que for, e a suprimir todos os pensamentos mediante uma concentração direta sobre um único pensamento que finalmente desaparece.

A filosofia de Fichte nos ensinou que os conteúdos da mente consistiam em todo momento em duas coisas: o Objeto ou Não-Ego, que é variável, e o Sujeito ou Ego, aparentemente invariável.

O êxito na meditação consegue fazer o objeto tão invariável como o sujeito, isto produz um choque terrível, pois ocorre uma união e *os dois se convertem em um*.

O rabino Baer, o sucessor hassídico de Israel Baal Shem Tov, ensinou que, quando a pessoa se tornava tão absorta na contemplação de um objeto, de modo que todo o poder do pensamento se concentra sobre um único ponto, então o Self se mistura e se unifica com este ponto.

Esta é a Boda Mística, tão frequentemente citada na literatura do ocultismo, e em relação a qual se tem usado tantos símbolos extravagantes.

Esta união tem o efeito de uma demolição completa de todo o equilíbrio normal da mente, lançando todas as faculdades poéticas, emocionais e espirituais a um êxtase sublime e fazendo que, ao mesmo tempo, o resto da vida pareça absolutamente banal.

Chega como uma experiência do todo indescritível, inclusive para aqueles que são mestre na linguagem e, permanece apenas como uma recordação maravilhosa, perfeita em todos os seus detalhes.

Durante este estado, todas as condições de limitação, tais como tempo, espaço e pensamento, são totalmente abolidas.

É impossível tentar explicar a implicação real deste fato, apenas a experiência repetida pode nos permitir entendê-lo.

Pois se trata de uma experiência além de qualquer descrição; um puro sem fim, onde o sujeito não fala sobre qualquer coisa; onde ambos, sujeito e objetos, se transcendem, restando somente uma compreensão espiritual sublime, uma experiência sem nome.

É a mais vívida de todas as experiências, pois ela representa um absoluto atordoamento para a mente; todos os demais acontecimentos da vida cotidiana estão envoltos na mais completa obscuridade em comparação com ela.

O homem que experimentou as formas mais intensas deste estado de consciência está completamente liberado.

O universo com seus vínculos está destruído para ele e ele para o universo e, desta maneira, sua vontade pode atuar livremente.

Agora, a Magia ou a Cabala Prática, tem como objetivo alcançar um estado semelhante de consciência, embora esta aproximação seja em um ângulo diferente.

Da mesma maneira que existem vários métodos técnicos de ioga, também há em Magia.

Neste estado de exegese, desconheço totalmente os sortilégios e amuletos que compreendem a maior parte dos trabalhos cabalísticos como em *Sepher Ratziel ha Maloch* e *A Chave Maior do Rei Salomão*.

Minhas referências se baseiam principalmente nos orientados à taumaturgia espiritual manifestada, por exemplo, em *A Magia Sagrada de Abramelin o Mago* e invocações como "O Não-Nascido", *Liber Israfel*; sendo este último uma adaptação de *O Livro dos Mortos* e os profundos fragmentos do ritual lírico encontrados nos manuscritos de Dee.

Quando um homem se esforça por aperfeiçoar a sua meditação, a revolta da vontade humana e o Ruach se tornam violenta, e apenas mediante uma experiência se pode descobrir a ingenuidade quase diabólica da mente para tentar escapar ao controle.

Existem métodos para treinar esta vontade, com os quais é mais ou menos fácil revisar o progresso.

O ritual mágico é um processo mnemônico dirigido a este fim.

Digo mnemônico deliberadamente, para responder às objeções que se fazem ao "aparato" usado pelo cabalista prático.

Mediante cada ato, palavra e pensamento, o único objetivo da cerimônia — a Invocação do Sagrado Anjo Guardião — está sendo indicado constantemente.

Cada sufumigação, invocação, banimento e deambulação são simplesmente lembretes do único propósito — tendo sido adicionados símbolos após símbolos, emoção após emoção — até que chega o momento supremo e cada nervo do corpo, cada canal de força do Nephesh e do Ruach se põe em tensão em um organismo esmagador, uma corrente de êxtase da Vontade e da Alma na direção indicada.

Todas as coisas estão tão dispostas na operação que recordarão ao mago o seu único Objetivo, seu único Objeto Verdadeiro.

Ele decide que cada arma e instrumento usados em sua cerimônia servirão para recordá-lo de seu fim escolhido, fazendo cada impressão (*mediante o alfabeto cabalístico de associação de ideias*) o ponto de partida de uma série

relacionada de pensamentos que acabam nessa coisa.

Toda a sua energia está determinada em cada ato que será vantajoso para as suas invocações.

Em um Templo que tipifica o universo, já que é consciente dele, desenha um círculo para anunciar a natureza de sua operação.

O círculo é, antes de tudo, um glifo universal do Infinito (Ain) com o qual afirma a sua identidade, e afirma, além disso, que se limita ao alcance de certo objetivo, o de chegar a seu Anjo, e que não vagará por mais tempo sem objetivo no mundo da matéria, a ilusão e a impermanência.

Este círculo está protegido por vários nomes divinos, as influências nas quais confia para guardar-se dos viciosos demônios do exterior, os pensamentos hostis de seu próprio ego empírico que vai ser exorcizado e transcendido.

Nesta figura está o fundamento de todo seu trabalho, um Altar, o símbolo de sua Vontade determinada.

Tudo se guarda no sacrário do Altar, pois tudo está sujeito à lei; exceto a Lâmpada pendurada sobre sua cabeça, a Luz de seu Self Verdadeiro, iluminando tudo.

Sobre este altar estão ordenados o seu Bastão, Espada, Taça e Pantáculo.

O Bastão é o símbolo terrestre de sua Vontade Divina, Sabedoria e Mundo Criativo, sua força divina — assim como a Espada é a sua força humana, a faculdade analítica aguçada do Ruach.

É a mente que é seu mecanismo para relacionar-se simbolicamente com as impressões, e sua capacidade para a crítica.

A Taça é o seu Entendimento, o aspecto passivo de sua Vontade; o une com Isso que está além, no lado negativo; sendo côncava e receptiva da influência que desce do Alto.

O Pantáculo é plano, o templo de seu Espírito Santo; da terra e terrena, é a sua natureza inferior, é o seu corpo.

AS ARMAS MÁGICAS

Nº	SEPHIRAH	ARMA	SIMBOLIZANDO:
1	Kether	Lâmpada	Luz Espiritual e o Verdadeiro Self
2	Chokmah	Bastão	A Vontade Mágica e a Sabedoria Divina
3	Binah	Taça	A Intuição
4	Chesed	Cetro e Coroa	Senhoria e Divindade
5	Geburah	Espada	A Razão e a Capacidade de dispersar pensamentos estranhos
6	Tiphareth	Lamen	Intenção de realizar a Grande Obra
7	Netzach	Túnica	Esplendor e Glória
8	Hod	Livro de Invocações	Seu Registro Cármico – a Memória Mágica
9	Yesod	Altar e Perfumes	Sua Vontade e Aspiração Determinada
10	Malkuth	Templo, Círculo e Pantáculo	O Templo do Espírito Santo

Sobre o altar há um frasco de azeite, sua aspiração a um Self mais nobre, a uma realidade mais elevada, consagrando-se a ele e a tudo que toca à realização da Grande Obra.

Outras três armas rodeiam o azeite, o Chicote que lhe açoita, a Adaga que lhe fere e a Corrente que lhe ata a um único fim.

É esta autodisciplina que mantém pura a sua aspiração.

Na cabeça leva uma Coroa dourada, mostrando seu senhorio e divindade; e uma túnica que simboliza a glória e o silêncio em que se consuma a boda celestial.

Em seu peito, sobre o coração, leva um Lamen que resume o seu conceito da Grande Obra e declara a natureza do trabalho particular que está realizando.

Assim, pois, fazendo de cada instrumento um símbolo que recorda o seu único propósito, alcança finalmente em seu trabalho o mesmo objetivo que o místico.

O último trabalha para socavar a sua consciência racional, por assim dizer, para destruir a dualidade; enquanto que o condutor do carro mágico atua adicionando ideia atrás de ideia, êxtase ao êxtase, até que a mente, incapaz de conter-se em si mesma, supera suas limitações e em um orgasmo avassalador de felicidade se une a Isso que não tem nome.

Os cabalistas sugerem uma reflexão sobre a natureza do simbolismo das armas mágicas.

Temos, evidentemente, a simbologia freudiana, e de tal interpretação podem derivar-se coisas muito valiosas.

Tenho pouca simpatia, contudo, por aqueles intelectos pouco profundos que desacreditariam a religião e particularmente a magia, pretextando que é uma interpretação apenas sexual.

A única resposta em tal caso pode ser exigir uma definição daquilo que se pretende dizer com tamanho absurdo.

É verdade, por exemplo, que a Vontade Criativa está simbolizada pelo Bastão e que este mesmo Bastão pode ser representado pelo falo.

Porém tal designação de símbolos eleva o significado do sinal terrestre a um plano espiritual de alta categoria.

Como o estudante do *Zohar* pode descobrir por si mesmo, o sexo é claramente sacramental e sua utilização margeia com o divino.

E, em qualquer caso, seu significado sugere forças e poderes que — como a confusão no passado referindo-se ao Inconsciente, e o interesse atual estendido pelas glândulas e os efeitos das secreções glandulares sobre a personalidade —, representam realidades que, claramente, não são *simplesmente* fisiológicas.

É este fato que o leitor deve recordar.

E relação à prática teúrgica e o cerimonial sem ter nenhuma relação com as obscuridades goéticas, temos algumas indicações nos *Estudos do Misticismo*, de Mr. Waite, que são muito profundas e por sua vez vale a pena citar neste ponto:

Aqueles que conheceram os processos espirituais seguidos pelos místicos antigos sabem que estes processos estão definidos... nas cerimônias das grandes iniciações, e embora não sem resistir-se oferecem... somente os substitutos de coisas que são incomunicáveis da parte dramática do mistério... há uma condição induzida no candidato pela qual se, quanto ao demais, está preparado, pode entrar na esfera da experiência verdadeira.

De outro ponto de vista, o mago decide pôr-se em harmonia com o cosmo, que ele deifica.

O Sol é para ele, como já observamos, um princípio espiritual, um deus; a Lua é outro; os planetas são outras Forças com as quais está vitalmente relacionado, e compreende que o ritmo do cosmo é algo do qual não se pode e nem se deve escapar sem empobrecer amargamente a sua existência. Seu objetivo é unir-se a estas potências espirituais.

O hierofante da antiguidade — nos rituais — diria ao Neófito: *"não há nenhuma parte de mim que não seja dos deuses"*.

Os antigos cristãos se esforçam por aniquilar este espírito, o espírito da antiga celebração pagã do ritual espiritual e, em certa medida, conseguiram. A Igreja condenou tudo que era pagão ou oculto, e acabou com o culto aos planetas e ao zodíaco, talvez porque inclusive a astrologia já tinha envilecido dedicando-se à simples adivinhação.

Sua intenção era eliminar os festivais astronômicos anuais, porém a única coisa que fez foi estabelecer outros em seu lugar.

Então chegou o cisma quando a divisão rompeu a antiga unidade da Igreja, e o protestantismo desferiu um golpe mortal a este ritmo religioso e ritualístico do ano na vida humana.

O inconformismo, com habilidade, deu os toques finais ao crime abismal.

Agora, para demonstrar a grandeza do progresso moderno, temos um povão pobre, miserável, desconectado de tudo aquilo que não sejam películas americanas, política e férias vazias para satisfazer a necessidade humana, sempre presente, de viver em harmonia com as forças espirituais e universais que servem de base à natureza e a todos os seus fenômenos.

Os Iniciados, compreendendo que o homem nem sempre havia vivido somente de pão, mas com a consciência dos deuses eternamente vivos, e com o espírito do Sol e da Lua e a terra em suas revoluções, restabeleceram em segredo os dias e festas sagradas, quase como os tinham os gregos pagãos, com os intervalos da saída do Sol, ao meio-dia, ao pôr do Sol e a meia-noite, dedicado ao culto — as quatro maiores estações diárias do Sol. Depois o antigo ciclo de Páscoa, com a crucificação ou ideia do Deus Solar; depois Pentecostes e nove meses mais tarde o Natal, seu renascimento. Séculos antes da era cristã as nações haviam vivido neste ritmo cósmico sob a guia de seus Adeptos- Sacerdotes-Reis.

Estamos aconselhados a retornar a esses rituais, porque, verdade seja dita, corremos o risco de arruinar a nossa alma exteriormente pela falta de realização de nossas maiores necessidade.

Estamos privados das fontes perenes de nosso universo interior.

Vitalmente a raça humana parece estar morrendo, e para o conjunto desintegrado da humanidade inclusive o universo parece estar morto.

Como o falecido D. H. Lawrence escreveu tão eloquentemente:

O Saber matou o sol, convertendo-o em uma bola de gás, com pontos; "o saber" matou a lua, é um pouco de terra morta, corroída por crateras extintas e varíola; a máquina matou a Terra, fazendo-a uma superfície mais ou menos desigual sobre a qual se viaja.

Mr. Lawrence prossegue afirmando que tudo isto significa uma volta às formas antigas, se pusermos a humanidade cara a cara, mais uma vez, com a realidade espiritual.

Porém, primeiro, temos que criar estas formas novamente. Temos de desenvolvê-las para conformá-las a nossas necessidades atuais. Como vamos despertar o universo à vida vibrante e latente? Como, fora de tudo isto, vamos regressar às grandes órbitas celestes da alma que deveriam preencher-nos com uma felicidade impossível de expressar? Como vamos regressar, pois devemos fazê-lo, a Apolo, Deméter e Perséfone ou seus equivalentes? Ao culto de Baco, Dionísio, das forças extáticas da natureza vital eterna, e aos Ritos de Elêusis? Este é o nosso problema, e é um problema terrível que algum dia teremos que encarar e resolver. Devemos nos recuperar, já que ali reside nossa Alma, que é nossa consciência suprema. Isto nós sentimos — nós sabemos. O mundo inerte de fria razão com seu pedaço morto de lua sobre nós; o sol que é “tanta quantidade de gás ardente”, seco e estéril, um mundo de intelectualidade seca e estéril. Quando reconhecemos que o mundo está em união com nós mesmos; quando reconhecemos a Terra como a matriz e o símbolo de Nuit — nossa Dama dos Céus Estrelados, nossa Mãe do Prazer —; a bela e brilhante Lua, nos dando nosso corpo com um Gozo de Silfos ou roubando-nos sigilosamente —; quando reconhecemos o deus Ra-Hoor-Khuit, o Grande Leão Dourado, nos dando o seu calor e sustento, ou mais ainda, como um leão vermelho e faminto, nos fazendo frente com reluzentes e abertas mandíbulas, então poderemos compreender que o universo é um organismo vivo do qual somos uma parte integral. Quem poderia deixar de sentir a regeneração espiritual surgir em seu interior e se estremecer silenciosamente quando, nas primeiras horas de uma manhã brilhante, o grande disco dourado e ardente do Sol se eleva majestosamente sobre as brumosas e púrpuras bordas em forma de nuvens vibrantes no distante horizonte, e alguém levanta seus braços com alegria extática à aurora dourada em um profundo gesto de glorificação, de ditosa oração:

Saudações a Ti que és Ra em tua aurora, sempre a Ti que és Ra em tua Força, que viajas sobre os céus em teu barco no levante do Sol. Tahuti em todo o seu esplendor está na proa e Ra-Hoor permanece no timão. Saudações a Ti dos domínios da Noite.

Devemos regressar a isto, dizem os cabalistas; a uma concepção viva e dinâmica do cosmo. E a maneira de fazê-lo é mediante o ritual diário. Nosso despertar, com a invocação aos deuses, a uma manifestação sem final como presenças vivas em nossos próprios corações, almas e em nossos próprios corpos. Tal é o conceito da Cabala Prática.

Brevemente, para resumir o seu propósito, os cabalistas afirmam que a Magia é útil para produzir o Transe — no verdadeiro sentido da palavra — e o Êxtase, porque proporciona um excelente treinamento da mente, e o desenvolvimento da Vontade preparatória para, ou em união com, a

meditação.

Exalta a alma, como nenhum outro método pode fazer, à sublimidade impessoal e divina além do Abismo, que é a precursora do êxito da União. Também aumenta o campo de ações da mente, afastando limitações arbitrárias, dando-lhe domínio sobre cada plano sutil da Natureza, proporcionando material adequado para a consumação extática do "beijo divino", ou o *hisdabekus*, como o denomina o hassidismo.

Existem algumas pessoas que, ao mesmo tempo em que estão totalmente abertas às vantagens do estado místico e aos principais benefícios que confere, também estão horrorizadas ou assustadas com os perigos que veem em seu desenvolvimento.

Que estes processos conduzem à auto hipnose é uma falácia absoluta.

Os que o afirmam vão muito longe sem uma evidência média de um amplo número de casos observados.

Também está a crítica da epilepsia, alucinação e loucura.

Os figos não procedem dos cardos, nem a organização e a capacidade moral podem surgir da desorganização.

Se a experiência mística — com sua conseqüente ampliação do universo e sua intensificação de todo o caráter e sanidade de um homem, seu poder para legar conhecimentos — é o resultado de uma psicose e enfermidade anormais, então devemos mudar de uma vez e pôr todas as nossas ideias sobre aquilo que é mórbido e aquilo que é insano.

Devemos ter uma total transvaloração de todos os valores existentes.

Se homens como Krishna, Buda e Platão, e uma vasta lista de nomes iguais e menores em importância, deveram seu poder à auto hipnose e à epilepsia, então, criamos em verdade aqui, o mais poderoso argumento para cultivar a epilepsia.

Estas são as chaves que, neste mundo, abrirão as portas apressadamente fechadas de seu mistério.

Porém, basta!

Estas objeções surgem de uma interpretação totalmente falsa da natureza da experiência e dos métodos que conduzem a ela.

Em seu *O Nascimento da Tragédia*, Friedrich Nietzsche se referia com indignação aos numerosos ataques feitos contra os êxtases dos coros de Baco dos gregos, das eufóricas embriaguezes espirituais dos bailarinos de São João e São Vito na Idade Média alemã, tal e como se segue:

Existem alguns que, por falta de experiência ou por estupidez, se afastaram de tais fenômenos considerando-os como "enfermidades populares" com um sorriso de desprezo ou piedade, inspirado pela consciência de sua própria saúde; evidentemente, os pobres desgraçados não adivinham o aspecto cadavérico e fantasmal que tem esta grande "saúde" de suas pessoas quando a intensa vida dos embriagados dionisianos passa rapidamente junto a eles.

O Prof. William James escreveu em *Variedade de Experiências Religiosas*:

Não é necessário dizer que o materialismo médico, na realidade, não arranca tal conclusão cética e dramática. É certo, como cada homem simples está seguro, que alguns estados da mente são superiores internamente a outros, e nos revelam mais verdades, e neste simplesmente

se faz uso de um critério espiritual ordinário. Este critério não tem nenhuma teoria fisiológica sobre a produção destes, seus estados favoritos, pela qual pode acreditá-los; e sua intenção de desqualificar os estados que desgostam, associando-os vagamente com os nervos e o fígado e conectando-os com nomes que têm conotações de aflições corporais, resulta um conjunto ilógico e inconsciente.

Em 27 de maio de 1931, Mr. J. W. N. Sullivan, o matemático e expoente dos princípios científicos populares, escreveu no *The Daily Express* que parecia haver, por parte dos escritores não místicos e pensadores atuais, uma crescente compreensão do valor da experiência que estamos tratando de explicar.

Escreve:

Não crio que o misticismo seja uma simples aberração mental. Sinto-me inclinado a crer que a consciência humana é algo em vias de desenvolvimento e que a consciência mística representa um estado mais elevado do que aquela que temos alcançado.

A experiência obtida com a Meditação ou com a Magia está ensinada pela aparição de um tipo de consciência totalmente nova, não diferenciando em um estado sujeito-objeto, pois estes se fundiram em uma Unidade íntegra. Qualquer coisa que se veja, que se ouça, ou que se sinta nestes momentos, se inunda com uma afluência das profundezas do homem interior.

Forças muito profundas que não se põem normalmente em jogo parecem liberadas de repente, os isolamentos usuais que dividem e limitam nossa vida interior em compartimentos separados, parecem disparar-se.

O homem em sua totalidade, considerando como a unidade da Árvore Sephirótica, com todas as suas qualidades — em uma experiência integral e inteira — se encontra a si mesmo.

Não apenas isto, mas a sabedoria transcendental além do Abismo parece invadir ou elevar à Ruach; uma consciência mais ampla do ambiente, uma presença desdobrada se faz sentir.

É a afluência de um novo tipo de nível de vida, correspondendo de alguma maneira a fontes últimas de Realidade; é uma onda de todo o Self pela inefável plenitude da vida.

O leitor terá notado que nestas páginas não mencionamos aquilo que se conhece normalmente como Misticismo da Natureza e nem a seus defensores, essas pessoas formais que descobriram as fortalezas internas da Natureza mediante a tranquila contemplação de belas paisagens, com suas nobres árvores verdes que se elevam como em adoração aos céus e cuja frondosidade guarnecida balança suavemente ao passo de brisas ligeiras, seus exuberantes prados de cor esmeralda, e seus aprazíveis arroios que seguem seu incansável caminho através de campos e pastos até a Mãe Mar. Na realidade isso não pertence à disciplina que contemplei no princípio, ilustrando as páginas deste estudo, embora possa demonstrar-se de forma breve e simples que a experiência incluída aqui é suscetível de ser analisada e ser produzida por uma aplicação inconsciente dos princípios fundamentais descritos anteriormente.

A riqueza e a variedade exuberante da irresistível beleza de amplos Campos Arcadianos e colinas ondulantes, atuam de duas formas distintas,

variando segundo diferentes indivíduos em distintos lugares.

A paz imponente e o silêncio reinante no profundo e remoto seio da natureza podem atuar como um poderoso sedativo para a mente inquieta de um determinado tipo de pessoa, e as "modificações do princípio pensante" se veem automaticamente impedidas da mesma forma que acontecia na Meditação.

Existe, evidentemente, uma diferença importante; pois no último caso — na meditação —, o mesmo praticante dirige conscientemente e a *vontade* o processo temperante do movimento em torvelinho de seu Ruach; enquanto que, no primeiro caso, embora a experiência seja espontânea enobrecedora, nunca se pode estar razoavelmente seguro de que ocorrerá o acontecimento desejado e muito aguardado, que chega como a calma graciosa que se vê em um país tropical depois de uma chuva forte e violenta.

No segundo caso, a mesma paisagem ou as múltiplas sensações de bosques secretos e obscuros com a impressão das assembleias das hostes do Poderoso, as correntes melodiosas e os riachos, e o gorjeio despreocupado de pássaros no empíreo; tudo isto é como a base mnemônica do ritual, criando necessariamente aquilo que podemos chamar de um efeito mágico. Ou seja, satisfazer a mente receptora com o êxtase ilimitado de felicidade e alegria, e o Ruach individual transcende temporalmente as suas barreiras inibidoras de costume, tabu e restrição e volta até seu *Tsureh* por cima do deserto e árido Abismo; ou, mais ainda, entra em uma sublime união com a Alma da Natureza Universal.

Neste momento não podemos fazer comparações mais amplas, porém um exemplo deste tipo citado de experiência da natureza pode dar-se vantajosamente em uma citação bastante extensa de Clare Cameron em sua esplêndida obra *Verdes Campos da Inglaterra*:

Boas as longas horas de silêncio empapadas de sol, onde através das portas abertas de golpe do espírito arrastando-se na luz de cristal e a suave música do mar, viver ali muito tempo depois de que as portas se fecharão novamente. De corpo inteiro sobre a areia ou mergulhada sob a água, o Ser era o Êxtase. Havia uma intensa consciência de uma juventude que não se conhece nas cidades, uma juventude vigorosa e feliz que está feita de ardor do sol e do ritmo do mar... Meu corpo, ali na areia, era uma vasilha para guardar a todos, um cálice precioso, regalo de Deus, rígido com amor e piedade, que não se atrevia a mover-se para que o vinho mágico não se derrame e quebre o encanto... Pensei que nunca havido sido tão feliz, que havia bebido o vinho dos deuses mais do que os elementos comuns da terra. ... Pois, oculta entre eles e já revelada, estava essa Beleza Secreta que arde no coração de todo o belo e vital, que é, por sua vez, espada e bálsamo, o Talismã da Verdade e o Pão da Vida.

... Observei a terra impaciente respondendo ao ardor do céu.

Converteram-se em uma unidade quando a cor se desvanecia e chegava a obscuridade para cobrir o êxtase místico de sua união. Bela e viril terra. Belo e poderoso mar. Tenro céu e inebriantes beijos do ar. Meus donos, meus amantes, meus amigos. De dia era suficiente em estar com eles, seu companheiro, o cúmplice alegre, seu ouvinte privilegiado dos segredos nunca suficientemente revelados, da sabedoria nunca totalmente compreendida; uno com eles, fortes e jovens mãos nas dele, fortes e jovens pés correndo ao seu lado, a mesma alegria no coração e o mesmo ardor no

sangue, o mesmo indizível amor pela vida.

Porém pela noite, na fria e perfumada obscuridade, antes que a terra fosse enfeitiçada sob a lua azul dos fenícios, um desassossego que não se apaziguaria nem falando e nem caminhando, nem lendo e nem rindo. Como se as flautas de Pan soassem tranquilas, tênues e doces, e com uma música ouvida à luz do sol. Como se os jogos e prazeres do dia com os companheiros invisíveis não fossem suficientes, porém pela noite levavam a territórios, todavia, desconhecidos, onde o sentimento dos mortais não podia seguir... Territórios não proibidos, mas secretos, perdidos e escondidos a uma compreensão humana mais grosseira. "Vamos, vamos! Segui, segui!..." Uma paz indizível voltava a mim depois desse vagar ocioso, pois o espírito da água havia passeado pela areia ao meu lado, com um ritmo silencioso de pés e coração, um espírito que havia entrado no meu e trazido uma felicidade e uma satisfação indizíveis e uma plenitude solene, e subia comigo pelo caminho arenoso e pela escada tortuosa, e aos vastos reinos do sonho...

Os métodos adotados pela cabala trazem uma nova ciência ao mundo, proporcionando um enorme campo de investigação a todos os que se decidem a empregá-los.

O homem de ciência descobrirá fenômenos não classificados para registrar e analisar.

Ao filósofo se desvelarão novos estados de consciência; estados que, por causa do importante caminho que seguiu, foram, até agora, excluídos de seu exame.

Do ponto de vista psicológico os seguintes pontos se verificam pela experiência que estamos discutindo:

- 1- Os resultados são totalmente ilógicos sob o nosso ponto de vista ordinário, porém dão uma forma de conhecimento que nenhuma outra coisa pode dar.
- 2- Os estados místicos de todos os homens de diferentes épocas mostram uma extraordinária similaridade.
- 3- Refere-se a algo que representa a Realidade.
- 4- A experiência produz resultados bem definidos: *genialidade*.

A experiência produz arte e genialidade em cada campo de esforço, porque ali todas as formas parecem falar, e se ganha uma imediata intuição da forma.

Um se converte num observador consciencioso e disposto da vida mesma mais do que das coisas externas usadas pela vida, e da Visão Beatífica se lê o significado da existência e com estas imagens se prepara para a vida e sua apreciação na expressão como gênio.

Isto é aquilo que umas poucas pessoas sinceras necessitam.

O aconselhar um método científico aplicado a estes métodos e resultados tem o propósito de converter as investigações cabalísticas em tão sistemáticas e científicas como a física, para redimir de fealdade à cabala e fazê-la objeto de respeito para aqueles cuja mente e integridade estão mais em necessidade de seus benefícios e os fazem mais aptos para obtê-los.

Isto é de urgente necessidade.

Ao apropriar-nos de certas ideias antigas e incluí-las em nossa classificação,

revisando-as para adequá-las às ideias e necessidades modernas, opino que temos uma bateria ideal com a qual atacar os baluartes das fortalezas entre nós e empreender o alcance da Verdade.

Dos membros da Rosacruz, sem entrar em polêmicas de saber se atualmente existe uma organização genuína que descenda diretamente da fonte original, herdamos um sistema de graus, que podemos tabular da seguinte maneira.

1.	Kether	Ipsissimus	⑩ = ①
2.	Chokmah	Magus	⑨ = ②
3.	Binah	Magister Templi	⑧ = ③
4.	Chesed	Adeptus Exemptus	⑦ = ④
5.	Geburah	Adeptus Major	⑥ = ⑤
6.	Tiphareth	Adeptus Minor	⑤ = ⑥
7.	Netzach	Philosophus	④ = ⑦
8.	Hod	Practicus	③ = ⑧
9.	Yesod	Zelator	② = ⑨
10.	Malkuth	Neófito	① = ⑩

Os números dos graus, como ③ = ⑧, implicam uma operação na qual atua o equilíbrio de Saturno e Mercúrio.

Também serve para recordar-nos que, se desencorajado, por exemplo, três membros principais da Árvore já foram escalados; se egoísta ou orgulhoso, que oito degraus a mais de igual importância ainda devem ser escalados, e que a maioria das dificuldades ainda não foi conquistada. Ou seja, o número harmoniza o conceito de trabalho já realizado com vantagens ainda a ser adquiridas.

Observemos este sistema e vejamos aonde nossa descrição dos Caminhos da Magia e da Meditação conecta com a Árvore da Vida, recordando em todo momento as atribuições e o significado de cada sephirah.

Considera-se que o estudante está em Malkuth depois de ter passado por um período probatório, durante o qual se familiarizou com as diversas técnicas que serão usadas em seu grau seguinte.

Como um neófito, seu trabalho particular é obter um controle completo daquilo que se chama Plano Astral, indo até Yesod pelo Caminho de nº 32, de Tau (♐). Será útil consultar o gráfico da Árvore da Vida para facilitar as explicações.

A ideia de um corpo astral não será totalmente estranha ao leitor que entendeu as propostas do capítulo intitulado "Adam Kadmon".

Este corpo deve ser totalmente formulado, fortalecido e purificado, até que possa funcionar independentemente do corpo físico, como um organismo brilhante, resplandecente e bem definido, capacitado para lidar com os fantasmas neste plano.

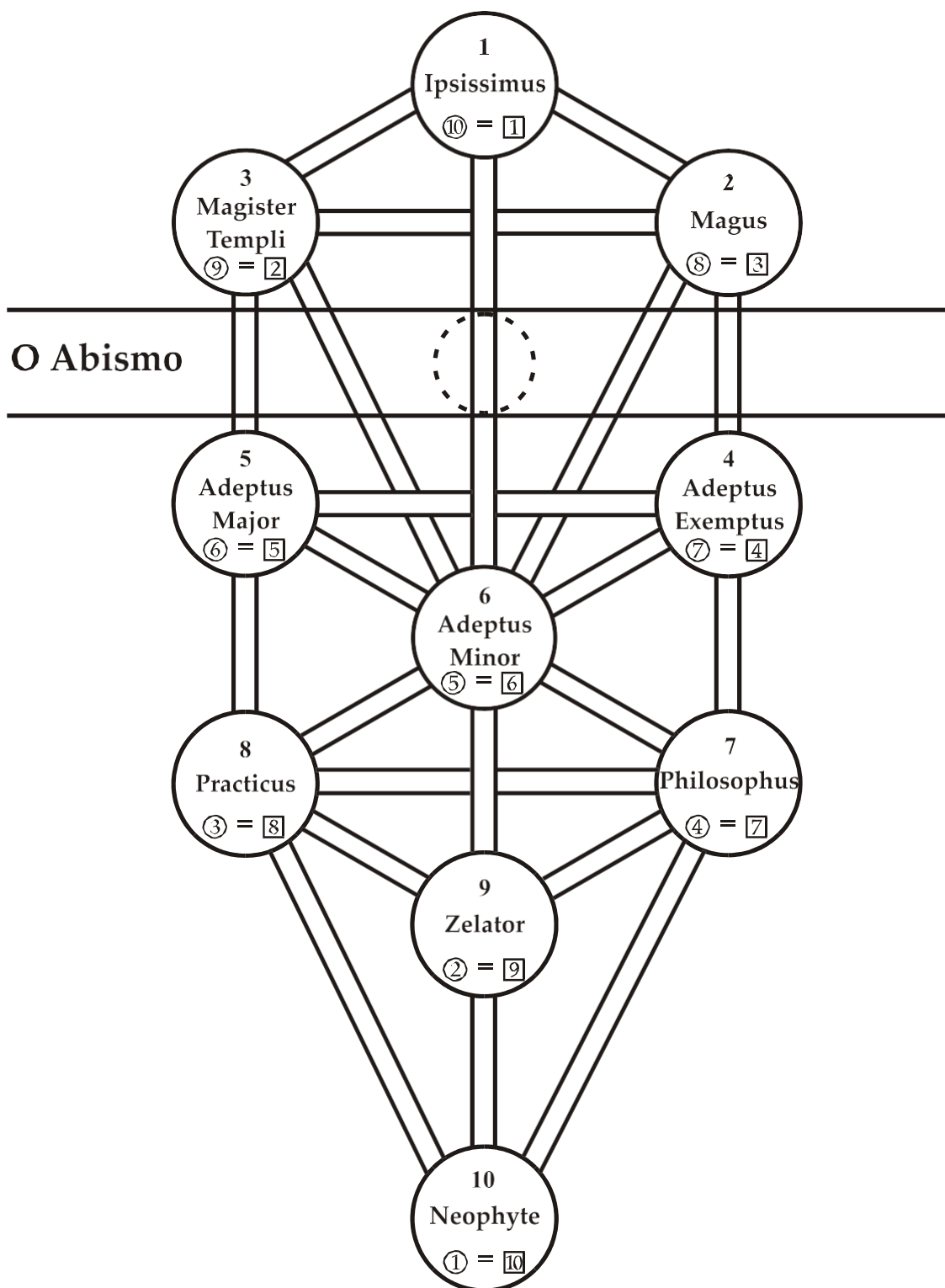


Figura 14: Os Graus na Árvore da Vida

Também é tarefa do estudante neste momento construir um pantáculo sobre o qual deverá gravar um símbolo, idealizado por ele mesmo, para expressar a sua ideia do Universo.

Para sua ascensão ao grau de Zelator deve aplicar-se aos primeiros estados da ioga, que são *Asana* e *Pranayama*.

Deve escolher uma posição na qual meditar e dominá-la para que possa permanecer absolutamente imóvel durante longos períodos de tempo; seu êxito será medido colocando-se um copo cheio de água até a borda sobre a sua cabeça, do qual não deve se derramar-se nem uma gota.

No *Pranayama* deve descobrir precisamente os efeitos que têm as proporções e formas de respiração nos fundamentos de seu ser.

Deve-se recordar que o grau de Zelator é atribuído a Yesod, o Fundamento.

A parte mágica do trabalho neste grau é forjar uma poderosa espada mágica em aço (representativa da faculdade crítica e analítica de seu Ruach) com a qual o estudante deve se preparar para cortar, em um segundo, aquelas forças cegas que permanecem ante ele, dificultando seu progresso para chegar ao objetivo que pretende.

Como um Practicus (situa-se em Hod, a esfera de Mercúrio, seu deus) espera completar seu treinamento intelectual.

A filosofia e a metafísica são os meios para cumprir esta tarefa e, em particular, a Santa Cabala, que espera dominar antes de poder ir adiante.

Deve descobrir por si mesmo as propriedades de um número nunca examinado previamente por ele, e em respostas a perguntas intelectuais ele deve mostrar não menos domínio sobre o assunto do que aquele realizado em um exame final de Doutor em Ciências ou em Filosofia.

Aqui se espera, também, que construa a sua Taça Mágica que vai representar o Neschamah, seu Entendimento e Intuição; dedicar-se para obter maestria e obtê-la sobre os ritos mágicos da Evocação.

Os resultados da Evocação deveriam ser inequivocamente perceptíveis para os olhos físicos.

Assim como uma espessa nuvem de gás denso é normalmente visível, da mesma forma, ao menos, deveria o Practicus tornar visível o Espírito convocado em seu rito mágico.

Como um Philosophus entra na esfera de Vênus, aqui para aprender como controlar corretamente a sua natureza emocional, para completar sua aprendizagem moral e para desenvolver sua devoção.

Que ele escolha certa ideia ou um deus e dedique-se de corpo e alma a seu culto, até que se desenvolva em seu próprio coração.

Deve olhar esse ideal de diferentes formas, como um Mestre, seu Amigo, seu Pai, seu Amado, ou a si mesmo como o Sacerdote de um Deus.

Este é o *Bhakta Yoga*, a união pelo Caminho da Devoção.

No primeiro caso abandonará toda consideração de bem-estar e recompensa pessoal por Seu deus; e no segundo caso, olha seu deus escolhido como o seu amigo mais querido, sem sentir reserva em Sua presença.

Não há nenhum vestígio de temor em seu amor, pois ele olha para si mesmo como o filho de seu deus, de quem já não mantém a uma distância respeitosa, ou se aproxima com um coração tímido.

Como um noivo, ao Philosophus a simples ideia da separação implicará a infelicidade, o abatimento e a angústia maiores.

Então se considera como o Supremo Sacerdote de seu deus, suplicando-lhe que apareça em resposta aos rogos e invocações oferecidos, buscando estabelecer uma devoção semelhante à de São Francisco de Assis por Cristo, e a Abdullah Haji Shiraz por Alá.

Neste ponto é necessário construir o seu Bastão.

O Bastão é o símbolo da Vontade Divina, que ele está desenvolvendo em um poderoso potencial, capaz de realizar mudanças com um simples gesto. Estes quatro graus que precedem Tiphareth e a consumação das tarefas relacionadas com ele, se pode considerar como o equivalente do título hebraico laudatório — Chassid.

Agora se aproxima a maior crise de sua carreira.

Tendo chegado ao conhecimento de si mesmo com todos os métodos técnicos de Magia e Meditação, e ao ter-se tornado um especialista no manejo de todas estas armas, deve harmonizá-las (já que seu grau está em Tiphareth — Harmonia) e usá-las como ditam sua experiência e instinto para realizar a operação central de toda magia e misticismo; alcançar o Conhecimento e a Conversação com seu Sagrado Anjo Guardião: o descobrimento de sua Vontade Verdadeira e a averiguação do orbe celestial que ele, como uma estrela, deve seguir.

Esta é a tarefa essencial de cada homem; nenhuma outra está ao seu nível, nem o progresso pessoal nem a habilidade para ajudar ao próximo, nem resolver os problemas da existência.

Esta crise, e outra que vamos descrever, é uma característica necessária em sua carreira mística, uma característica absolutamente essencial em sua Busca.

Escrever sobre os graus que estão acima de ⑤ = ⑥ torna cada vez mais difícil porque, sem ser um Adeptus Minor em si mesmo, o leitor não tem nenhum meio de entender aquilo que o Adepto considera um trabalho necessário, já que seu ponto de vista difere enormemente do homem erudito corrente.

Evidentemente, o pouco que transcendeu do Santuário e chegou através da tradição, também pode-se notar aqui.

Para converter-se em um Adeptus Major, (na esfera de Geburah — Poder) o Adepto ocupa da investigação de todos os ramos e fórmulas da Magia Prática e adquire aquilo que se conhece como *Siddhis* ou poderes mágicos.

Então avança até o grau de ⑦ = ④, o Adeptus Exemptus.

Sua tarefa é descobrir o *que* ele é, de onde veio, por que está aqui neste planeta particular e não em outro, e aonde o levará o seu destino.

Isto é conseguido mediante o cultivo da memória de suas reencarnações passadas.

Põe-se diante de um horrível corcunda (?), olhando-o como sorna e com uma clava levantada.

Não há a menor parte de sua natureza que possa ser despropositado sem lhe alterar de alguma forma; nenhum momento imprestável em seu passado.

Que há, então, no futuro?

O Adepto tem capacidade literária ou o que seja?

Tem conhecimentos de química?

Como servem estes logros a seu propósito ou ao propósito da humanidade a qual jurou ajudar?

Foi assassinado como uma serpente faz muitos æons; lapidado por leis mosaicas; assassinado quando era criança por Herodes; como tais recordações lhe ajudam?

Sua tarefa agora será resolver estas recônditas questões, e até que não haja aprendido a fundo as razões de cada incidente de seu passado e encontrado um propósito para cada detalhe de seu presente material, não poderá seguir adiante.

Uma vez dito tudo isto, prepara uma tese estabelecendo seu conhecimento sobre o universo.

Diz-se que obras como as de Paracelso, Robert Fludd, Newton, Bekerley, Swedenborg e *As Chaves dos Grandes Mistérios* de Lévi, são excelentes exemplos do tipo de tese que necessita.

Deveria ser um mestre completo em todos os aspectos da ioga; ter experimentado e investigado a fundo a natureza do Samadhi, que está obrigado a considerar como o único estado de consciência com o qual explorará a natureza do Universo.

Estes três graus de Adeptos são graus diferentes de Santidade; e o Adepto atual é o equivalente do cabalista que na antiguidade se conhecia como Tsaddik ou Santo.

Para alcançar o grau seguinte de Magister Templi (Binah, a esfera de Saturno, que é o Tempo, o Grande Ceifeiro e a Morte), deve decidir sobre a segunda e maior operação crítica de sua carreira: a de atravessar o Abismo e a destruição do ego independente.

A necessidade disto surge da compreensão de que não pode permanecer sendo um Adepto para sempre, sendo impulsionado por ímpeto irresistível de sua própria natureza interna.

O logro essencial consiste na aniquilação absoluta das fronteiras de seu Ruach que limitam e reprimem a "Yechidah".

Este é o paradoxo do Caminho.

Traz incríveis dificuldades e lutas para aperfeiçoar-se (Ruach, o ego centrado em Tiphareth) de todas as formas possíveis e concebíveis, deve liberar-se dele totalmente, ao final, quando chega ao ponto de renunciar ao self para chegar ao Self.

O paradoxo é, também, que em Binah a Verdade é obtida, porém aí de mim, agora não existe nenhuma entidade pessoal independente para disfrutar dessa Verdade.

O Adepto que era o Ruach independente, a personalidade gloriosa e desenvolvida, se dissolveu para sempre nesse Grande Mar inefável, o *Pleroma* nirvânico da Mãe; a Cidade Celestial, a Cidade das Pirâmides sob a Noite de Pan.

Como uma entidade autoconsciente uniu tudo o que o fez assim na corrente universal de consciência e se identificou com o Shechinah Divina, essa existência interior de graça, comum a toda a humanidade.

Ou, como outros místicos diriam, verteu cada gota de seu sangue no Cálice dourado de Nossa Senhora de Babalon, que é o Shechinah, a Presença Divina em Binah e, quando essa vida for misturada com a vida de cada indivíduo, tudo o que resta dele não será mais do que uma pequena pirâmide de poeira, guardada como um tesouro na Urna de Hermes.

Além disso, para seguir usando paradoxos, não é tanto a autodestruição como volta à Realidade Fundamental.

É uma destruição dos limites paralisantes do Ruach, porém revela essa Vida Fundamental que forma e permite a totalidade da manifestação.

Ao mesmo tempo a individualidade é mantida, jubilosamente mantida, como se demonstra quando Blavatsky escreveu em *A Voz do Silêncio*: "*Alegrai-vos, oh homens de Myalba. Um peregrino voltou da outra margem. Um Novo Arhan nasceu.*"

O que realmente se destrói são simplesmente a ilusão inconsciente do Self independente e as restrições que essa ilusão impunha antes sobre a brilhante Estrela ou Mônada interior.

Não é mais do que a mudança do Ponto de Referência daquilo não tem vida *real* por si mesmo, a um centro novo e mais nobre de reintegração que seja vital, real e eterno.

Não se trata, evidentemente, de uma simples mudança *intelectual* de ponto de vista.

É infinitamente mais do que uma decisão racional de integrar-se em um nível de consciência mais elevado e ver esse nível em todas as coisas, pois a mudança tem sido inteiramente devida às experiências profundamente comovedoras que o centro de gravidade, por assim dizer, põe além do Abismo.

A mesma Grande Obra consiste em uma simples operação: esta mudança de ponto de vista, o assassinato do assassino da Realidade, a mente.

Porém, ao longo de æons de esforço evolucionar até o desenvolvimento de uma organização e constituição altamente complexa com a qual contactar com o universo "externo" para obter experiência, somos incapazes de compreender esta simplicidade e realizar esta operação ao princípio, e por isso estamos obrigados a lutar dolorosamente mediante estas difíceis tarefas para obter o grau correto de simplicidade e penetrar o véu, para encontrar nossos Si Mesmos, centros espirituais de força, *Yechidoth*, radiantes com a vida, o propósito e a divindade.

O Prof. Martin Buber, em sua esplêndida obra sobre *O Misticismo Judeu*, fala de um tipo de *Tsaddik* maior, cujos êxtases e embriaguezes espirituais cessaram.

Por que cessaram?

Porque a beatificação e o êxtase são contínuos e não seguem no Ruach, mas nas Sephiroth Supremas, onde "moram" as Potências Reais e os Elementos Espirituais de um homem.

A partir de agora o possuidor de qualquer destes três graus, que se relacionam com o Colégio Interno dos Mestres, é denominado um *Tsaddik*, porém seu "tsaddikismo" está em um plano muito mais nobre e altamente espiritual.

Um título apropriado, talvez, seja Baal Shem Tov — Um Mestre de Nome Divino.

Se é difícil descrever os graus dos Adeptos, é quase impossível descrever esses graus de Mestre acima do Abismo, pois nada que possa dizer-se explicaria a natureza e o propósito do *Tsaddik* realmente grande, daquele que é Magnus e Ipsissimus.

Aqui, portanto, devo conter a minha pena.

A cabala, para resumir toda a situação, enfatiza a consecução de um estado transcendental de consciente como o passo seguinte a ser dado por todos os homens; e tenho me esforçado para esclarecer em que consiste a natureza essencial desta experiência mística, sem a qual não existe paz e nem consecução, os passos que conduzem a sua consumação, e uma quantidade de fórmulas espirituais mediante as quais se pode compreender o significado de sua revelação.

Por: Israel Regardie